

JEREMIAS E AS REFUGIADAS NO EGITO: UMA DESTRUIÇÃO DE JR 44

Humberto Maiztegui Gonçalves

Resumo

O presente artigo apresenta um estudo exegético do capítulo 44 do Livro do Profeta Jeremias, à luz da realidade das pessoas refugiadas, traçando um paralelo entre o diálogo/debate deste profeta com a comunidade e, em especial, com as mulheres judaítas refugiadas no Egito no século VI a.C. Neste estudo se analisam as vozes participantes no processo tentando descobrir qual é a situação sofrida pelas pessoas refugiadas e quais os desafios que enfrentam diante de uma série de acusações e ameaças apresentadas na fala do profeta. Busca-se como chave de desconstrução a presença de Baruc como redator do texto e sua intencionalidade implícita como observador respeitoso das outras partes envolvidas. A desconstrução permite ouvir de uma forma mais qualificada a voz das mulheres refugiadas e, através delas, entender as dificuldades que temos de ouvir a voz de pessoas refugiadas, especialmente daquelas cujas características estão mais distantes do senso comum cultural, étnico, religioso ou político da comunidade onde estas pessoas se encontram. Tomamos, também, do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, do caderno editado pelo Conselho Nacional de Serviço Social sobre Xenofobia, e do exemplo do trabalho ecumênico realizado pelo Centro de Apoio e Pastoral do Migrante (CAMI, SP), elementos que nos ajudem a entender a situação e desafios atuais na relação com as pessoas refugiadas.

Palavras-chave: *Bíblia. Exegese. Jeremias. Destruição. Mulheres. Refugiados.*

Abstract

The present article is an exegetical study over de chapter 44 of the book of the Prophet Jeremiah, lighting by the reality of refugee people. In parallel is a path between the situation of the dialog/debate of the prophet and the community, in particular, the women of Judah refugee in Egypt in the VI Century B.C. In this study the voices participants in the dialog/

debate are analyzed in the intention to discover the situation of the refugee persons and the challenges of them toward the accusations and threats in the speech of the prophet. Is seeking too the roll of Baruch as the redactor of the texts, key for the deconstruction and his implicit intentionality in the position of respected observer of other participants. The deconstruction allows us to heard in a more qualified way the voice of the refugee persons, in particular, those whose characteristics are more distant than the cultural, ethnic, religious or political, common sense of the community where they are living. We take, too, of the High Commissariat of United Nations to Refugees, of the publication of the National Council of Social Service (Brazil) about Xenophobe, and of the example of ecumenical work undertaken by the Center of Support and Pastoral of the Migrant (CAMI, SP), elements for help us to understand the situation and present challenges in the relationship with refugee persons.

Keywords: Bible. Exegeses. Jeremiah. Deconstruction. Women. Refugees.

Introdução

O profeta Jeremias tem uma longa atuação, mas a sua história começa em um lugar chamado “Anatot”, um pouco ao norte de Jerusalém, onde a sua família cuidava de um santuário local desta localidade pobre (cf. Is 10,30b). Este lugar da periferia de Jerusalém foi onde se estabeleceu um grupo de refugiados do Reino de Israel, após a destruição da Samaria em 721-722 a.C., chamados “recabitas”. Certamente este grupo teve grande influência sobre Jeremias e sua família. Eram uma comunidade de seguimento radical da lei judaica, quase que nos moldes do nazireato vivido pela personagem Sansão (cf. Jz 13,5)¹. Jeremias elogia estes refugiados que, embora considerados “hereges” pelos judaítas, davam um grande exemplo de fidelidade:

E à casa dos recabitas disse Jeremias: Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Pois que obedecestes ao mandamento de Jonadab, vosso pai, e guardastes todos os seus mandamentos, e fizestes conforme tudo quanto vos ordenou, portanto assim diz o Senhor dos Exércitos, Deus de Israel: Nunca faltará homem a Jonadab, filho de Recab, que esteja na minha presença todos os dias (Jr 35,18-19).

Ele viu a saída das famílias exiladas para a Babilônia e criticou algumas pessoas que, se dizendo “profetas”, lhes davam falsas esperanças de retorno, aconselhando-lhes, na “Carta aos Exilados”:

Edificai casas e habitai-as; e plantai jardins, e comei o seu fruto. Tomai mulheres e gerai filhos e filhas, e tomai mulheres para vossos filhos, e dai

1. COSTA, 2012, p. 79.

vossas filhas a maridos, para que tenham filhos e filhas; e multiplicai-vos ali, e não vos diminuais e procurai a paz da cidade, para onde vos fiz transportar em cativo, e orai por ela ao Senhor; porque na sua paz vós tereis paz. Porque assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Não vos enganem os vossos profetas que estão no meio de vós, nem os vossos adivinhos, nem deis ouvidos aos vossos sonhos, que sonhais (Jr 29,5-8).

Jeremias não afirmava, com isso, que nunca mais voltariam, mas que seria um tempo de refúgio, um tempo longo em que deviam entender sua identidade mais em função do lugar onde estavam do que do lugar de onde foram forçados a sair².

Um tempo depois, Jeremias enfrentou a destruição total do Templo e da cidade, no reinado de Sedecias (terceiro filho do rei Josias), colocado como governador pelos babilônicos, que seguiu uma política independentista, buscando alianças com o Egito e sendo duramente criticado pelo profeta. Finalmente, depois de ter sido jogado numa cisterna, foi retirado e aprisionado dentro do Palácio de Sedecias, onde finalmente foi achado pelo exército babilônico e libertado (Jr 38). Após a morte de Sedecias, Godolias foi feito governador, prometeu ao povo que “nada de mau aconteceria” e disse para o povo ficar na terra, mas sete meses depois foi vítima de um golpe de estado, promovido pelos herdeiros do rei deposto, matando ele e seus oficiais mais próximos e levando as famílias a fugirem para o Egito (2Rs 25,22-25). Jeremias, mesmo não ameaçado diretamente, acompanhou estas famílias refugiadas. Deste encontro surge o diálogo que iremos aprofundar, desconstruir e reconstruir, neste artigo.

1. A Rainha do Céu: centro da polêmica entre Jeremias e as mulheres refugiadas no Egito

A referência à Rainha do Céu aparece só neste local em toda a Bíblia e era identificada na Mesopotâmia com Astarte, deusa da fecundidade e visível, simbolicamente, no planeta Vênus. No tempo do rei Joaquim, primeiro a sofrer o exílio na Babilônia, ainda estava em vigor a reforma do rei Josias, mas na prática predominavam os cultos aos baalins e à própria Rainha do Céu.

A palavra *mele'ket*, isto é, rainha, pode também indicar uma referência à deusa assíria Ishtar (também tida como “Astarte” na religião cananeia). Esta era uma divindade da guerra e do amor, que possuía numerosos títulos, estando entre eles, “rainha do céu”. O verdadeiro objeto de culto, todavia, não é fácil de determinar. Em alguns manuscritos hebraicos aparece o termo *mele'ket*, com o sentido de “obra criativa”, “trabalho manual” e, talvez, como alusão a astros e planetas.

A primeira vez que esta divindade é mencionada na Bíblia está em Jr 7,18. A Septuaginta – versão grega do Primeiro Testamento – traduz este nome por

2. CERESKO, 1996, p. 223-224.

“hostes celestiais” e o Targum por “estrelas do céu”. Se a Deusa em questão é Ishtar, então podemos identificá-la com o planeta Vênus, que, todavia, era adorado pelos cananeus como um Deus masculino. A natureza astral do culto parece mais preservada na tradição canaanita do culto a Astarte³. Este culto foi proibido durante a reforma de Josias (2Rs 23,4-20) e as mulheres refugiadas atribuem a este ato a culpa por todas as suas desgraças e pela instabilidade de Judá depois da morte de Josias em Meguido em 609 a.C.⁴

No diálogo do capítulo 44 há uma tensão de gênero, pois, em primeiro lugar, o profeta se dirige aos homens e os responsabiliza pelos atos das mulheres. Mas, ao avançar o diálogo, percebemos que eram as mulheres que lideravam os homens, e são elas que se contrapõem à ideia de fidelidade ao Deus de Israel – Javé, *Sabaot* – e defendem seu direito a continuar a igualmente tradicional adoração à Rainha dos Céus. Esta mudança convida à desconstrução!

Por outro lado, todos os estudos histórico/críticos sobre este texto indicam que o resgate deste episódio foi feito por Baruc, secretário e biógrafo de Jeremias⁵. Portanto, do ponto de vista da narrativa, podemos dizer que há três ângulos: Jeremias (o provocador), refugiadas(os) no Egito, em especial as mulheres, e Baruc (observador/relator/propositor da estrutura da narrativa).

1.1 Os lados do debate

Já faz algum tempo que o tema das pessoas refugiadas ingressou em discursos políticos que, em geral, buscam responsabilizar a sociedade de origem pela situação – e, indiretamente, as próprias pessoas refugiadas – e retirar a responsabilidade dos países que as recebem. Ainda, nestes discursos, aparecem argumentos econômicos (como ocupação de postos de trabalho), étnicos (como ‘contaminação’ racial e cultural das sociedades que as recebem), religiosos (como o crescimento de tradições e crenças que podem comprometer a forma de vida da sociedade que as acolhe), e assim por diante:

Partidos políticos neoliberais e conservadores, utilizando discursos ultrageneralistas, novamente levantam as bandeiras da xenofobia, da hostilidade, da intolerância e da violação dos tratados, leis e estatutos de proteção aos/as estrangeiros/as. Os/as defensores/as da desregulamentação de mercado (liberalização da economia) defendem um tipo de desenvolvimento econômico que tem resultado na desigualdade, na concentração de renda, no desemprego, entre outros⁶.

3. ROESE, 2010, p. 180.

4. HARRISON, 1980, p. 133.

5. SCHMIDT, 1994, p. 224.

6. SANTOS, 2016, p. 8.

Do outro lado estão todas as pessoas e as diversas pastorais eclesiais e ecumênicas, como o Centro de Apoio e Pastoral do Migrante (CAMI) em São Paulo, e também organizações internacionais, como ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados e Refugiadas), que defendem os direitos tanto das pessoas refugiadas quanto migrantes, e que buscam caminhos de paz e reconciliação para mudar as condições que levam para o pedido de asilo ou para a migração forçada de milhões de pessoas, inclusive para o Brasil.

Como opção hermenêutica para a desconstrução do texto de Jeremias 44, vou assumir – sujeito a críticas das leitoras e leitores deste artigo – que Jeremias representa o lado que busca responsabilizar as pessoas refugiadas por sua situação (já que as acusa de cometer transgressões, que teriam provocado sua própria desgraça e as ameaça com mais desgraças caso não mudem de atitude). As mulheres são a voz das pessoas refugiadas – com um ponto de vista oposto ao de Jeremias em relação à situação passada e presente. Baruc – o redator invisível do texto – assume uma atitude de respeito para com as pessoas refugiadas, pelo simples fato de ter registrado este “fracasso” de Jeremias.

1.2 Jeremias: acusações e ameaças e invisibilidade feminina

Sempre devemos lembrar que, embora as palavras venham através do profeta Jeremias, quem está registrando tudo é Baruc. A Baruc devemos atribuir o “plano argumentativo” do capítulo. Vejamos, então, como é apresentado, inicialmente, o lado do profeta:

- 44,1 – Apresentação dirigida a “todos os judeus” que habitavam no Egito, citando alguns guetos específicos, ocupados pelas pessoas refugiadas.
- 44,2-4 – Dirige-se a “vocês” (*2ª pessoa masculino plural*), como testemunhas do que aconteceu com Jerusalém e Judá.
- 44,5-6 – *Muda a pessoa para “eles” (3ª pessoa masculino plural) evocando a memória em relação à atitude daquelas pessoas que governaram ou lideravam o povo judaíta em Jerusalém.*
- 44,7-10 – Retoma o cabeçalho, “assim diz Yhwh” e a *2ª pessoa do plural*, acusando as pessoas refugiadas continuarem com as mesmas práticas religiosas que, segundo o profeta, provocaram a desgraça de Jerusalém e Judá.
- 44,11-14 – Ameaça direta contra o restante de Judá – não refugiados/as – e contra as pessoas refugiadas caso continuem com as práticas antes condenadas pelo profeta.

Esta mudança para 3ª pessoa, no centro do discurso do profeta, pode indicar que, na verdade, as famílias refugiadas não podem ser diretamente responsabilizadas pelas circunstâncias que as colocaram nesta situação.

A mudança é preparada no v. 3, onde três grupos são apresentados: “eles, vocês e os pais de vocês”. Vocês são as vítimas! O v. 9 deixa claro que “eles” são os “reis de Judá”, sem poupar nenhum, nem o próprio Josias, que proibiu e reprimiu as práticas religiosas condenadas pelo profeta.

No entanto, sabendo que no epicentro de tudo estão as mulheres, vamos cruzar este “plano argumentativo” com a menção direta a elas. No v. 7, as mulheres estão no centro da comunidade de pessoas refugiadas: “ao homem, à mulher, a quem ainda mama”. De certa forma, este versículo convida a se olhar no espelho e pensar: “que grande mal fizemos ou ainda estamos fazendo contra nossa vida, a ponto de termos que partir de nossa terra e viver como pessoas refugiadas?” Poderiam ter feito algo diferente e evitar esta situação? Poderão ainda fazer algo que lhes garanta a retomada da vida na sua terra?

No v. 9, onde os reis de Judá e os pais são mencionados, também se fala das “maldades das suas mulheres”. Aqui, as mulheres do passado, isto é, aquelas ligadas aos pais e aos reis, são responsabilizadas, e, através delas, projetado para “as maldades de vocês” – isto é, os homens refugiados – e para “as mulheres de vocês” (sugerindo que os homens poderiam reprimir ou proibir essas práticas entre as mulheres refugiadas).

Desta forma vemos que o discurso de Jeremias vê no passado, e no presente, uma falha dos homens, sejam estes os reis, pais ou maridos, ao participar de cultos a “outros deuses” e não evitar que as “suas” mulheres fizessem isso. Portanto, ele não se dirige às mulheres, e sim aos homens, e não espera uma resposta das mulheres, mas sim dos homens.

1.3 O lado das mulheres refugiadas

A pessoa refugiada é alguém que, “temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país”⁷, expressa o sofrimento próprio das pessoas que se encontram nesta situação.

A pessoa refugiada, mesmo quando sendo acolhida, viverá o sofrimento de não mais poder viver no seu país de origem. Poderá se unir com outras pessoas, também refugiadas ou migrantes, morando em bairros comuns, realizando atividades próprias e, por sua vez, diferentes daquelas mais comuns entre a população

7. ACNUR, 2016.

envolvente. Essas questões podem aumentar o sofrimento de pessoas ou famílias, refugiadas ou migrantes, e até forçar o isolamento em “guetos”, distanciando-as ainda mais do resto da população.

Sabemos, tanto pelo testemunho de Jeremias (7,18) quanto de Ezequiel (8,10-11), que o culto à Rainha dos Céus era “tradicional” em Jerusalém, não só desde a época assíria, quando se sincretiza com as divindades mesopotâmicas, mas antes, nos cultos canaanitas às deusas Asherá, Astarte e Anat.

A reforma religiosa do rei Ezequias (2Rs 18) e a reforma do rei Josias (2Rs 23,4-16) tentaram banir estes cultos colocando-os na clandestinidade. Esta última está diretamente ligada à atuação de Jeremias, sendo que a maioria dos estudos aponta para a possibilidade de Jeremias ter apoiado esta reforma.

As mulheres sempre foram aquelas para quem a religião oficial, do “Deus-único-masculino”, não bastava. Raquel fica com os terafins do seu pai Labão (Gn 31,19.34-35). Débora julga sob uma Palmeira de Débora – simbolizando a divindade feminina – e tem como aliado um filho de Anat, chamado Samgar (Jz 4,5; 5,6). Culpar as mulheres pelo desvio dos governantes é o principal argumento da Obra Historiográfica Deuteronomística para justificar os “desvios” do rei Salomão (1Rs 11,7-9). Diante disso o “senso comum” teológico respaldava o posicionamento de Jeremias. No entanto, por primeira e única vez, ouvimos a voz das mulheres, agora refugiadas no Egito. Longe da sua terra, aonde não mais poderiam voltar sem correr risco de morte, defendem sua liberdade e manifestam sua tradição religiosa e o seu ponto de vista sobre o destino de seu povo. Portanto, a situação de refúgio se apresenta como uma oportunidade de denunciar abusos e manifestar pontos de vista que antes eram reprimidos.

1.3.1 O quadro da Assembleia: resquícios da exclusão!

O v. 15 desenha o quadro, ou a realidade, de onde emerge a voz das mulheres!

- a. “Eles (...) os homens que sabiam que suas mulheres queimavam incenso para “outros Elohim”, em plural masculino, responderam – como sujeito masculino – para Jeremias – interlocutor masculino.
- b. *“e todas as mulheres permaneciam de pé na “Grande Assembleia” (qahal gadol) – como participantes “ouvintes”,*
- c. “e todo povo que morava na terra do Egito, em Patros, disse (...)” – mostrando que o povo é mais do que os homens e as mulheres, ou que reúne ambos sem distinção!

Um novo quadro é pintado pela narrativa. Na letra “a” vemos uma retomada do v. 9, onde se fala de “suas mulheres”! Agora, na Grande Assembleia, os homens são chamados a assumirem finalmente o controle sobre estas mulheres. Na

letra “b” e “c” há um denominador comum, que é o uso de “todos(as)” – em hebraico a mesma palavra “*kol*” – tanto para falar das mulheres quanto do povo do gueto em Patros! Portanto, há aqui outras pessoas, excluídas do poder decisório da Assembleia por diversas razões. Certamente todas as mulheres e todo o povo representam a maioria, não silenciosa, mas silenciada por uma forma patriarcal de exercício do poder na comunidade refugiada. Esperava-se, então, que os homens falassem e decidissem por todas as mulheres e por todo o povo!

1.3.2 A voz das mulheres: voz de todas e todos!

Os v. 16 a 19 trazem a resposta da Assembleia aos argumentos do profeta Jeremias. No entanto, a redação que lhe é dada faz emergir, de forma contra-hegemônica (no sentido dado por Antônio Gramsci), a voz das mulheres. Vejamos como isso acontece:

44,16: O discurso inicia com um ato de insubordinação contra a argumentação profética, dizendo que não acatarão a palavra de Yhwh dita por ele.

44,17: As pessoas que respondem afirmam que irão cumprir a sua palavra, continuando sua prática religiosa tradicional e ancestral, alegando que, enquanto fizeram isso, tiveram “fatura de pão”, viviam bem e não sofriam mal algum.

44,18: Alegam que foi quando “pararam” de seguir esta tradição, então não tiveram pão e foram vítimas da “espada”.

44,19: Apresenta a surpresa: quem está falando são as mulheres! Elas assumem a palavra da Assembleia! Agora as mulheres falam de “nossos homens” e os incluem na prática religiosa condenada pelo profeta.

A voz das mulheres na Assembleia desconstrói a estrutura autoritativa apresentada pelo profeta. As mulheres que falam mostram que sempre tiveram autoridade sobre suas práticas, é que aqueles eram seus maridos (homens), e não apenas elas eram “suas mulheres” (esposas). Também desconstrói a compreensão da história apresentada pelo profeta, onde a fé das mulheres e seus homens é vista como geradora de vida e não destruidora da vida. Estas mulheres refugiadas reafirmam seu poder, pois a liberdade dada pela situação de refúgio lhes oferece finalmente a possibilidade de superar as estruturas opressoras e excludentes entre seu povo. Esperávamos a resposta dos homens, mas agora temos a palavra de todas as pessoas pela voz das mulheres!

1.3.2 As palavras finais de respeito, e a reafirmação do problema

Os v. 20-23 apresentam a argumentação do profeta de forma diferente! Enquanto inicialmente se dirige apenas aos homens, agora o cabeçalho é bem mais

inclusivo: 44,20b – “... *para todo o povo, e para as lideranças (anciãos), sobre as mulheres e sobre todo o povo que respondeu*”.

Agora, os homens e suas mulheres, ou os maridos e suas esposas, não são mais mencionados. Por primeira vez em todo o capítulo usa-se a palavra “anciãos”, incluindo as mulheres como cidadãs.

Os v. 21-23 reapresentam os argumentos como pergunta, em sentido reflexivo, interrogativo, e não afirmativo, como o fez antes. Vejo aqui a mão de Baruc, sem importar quão fiel tenha sido à atitude de Jeremias. Agora se respeita a autodeterminação da comunidade. Está longe de se alcançar um acordo, mas há um reconhecimento da capacidade da comunidade refugiada de decidir sobre suas tradições, manifestar sua visão da história e projetar seu futuro.

Os cinco últimos versículos do capítulo são uma retomada típica do pensamento hebraico dentro da estrutura quiástica. Olhando pela nossa forma de pensamento parece que tudo ficou igual e que o texto apenas reafirma o posicionamento do profeta Jeremias diante da comunidade de Judá, refugiada no Egito. Mas, na verdade, é a lembrança de como tudo começou, fechando a apresentação ao unir 44,24-30 a 44,1-14. Vejamos:

- A – 44,1-14: Argumentação inicial, culpa do passado e ameaça futura.
- B – 44,15: Apresentação da Grande Assembleia.
- C – 44,16-19: *A voz das mulheres.*
- B' – 44,20-23: Proposta de reflexão do profeta para a Assembleia.
- A' – 44,24-30: Lembrança da ameaça futura e culpa do passado.

Assim completa-se a reconstrução do capítulo onde aparece a intencionalidade do redator, isto é, Baruc. Ele coloca a voz das mulheres no centro! Não se pode dizer que Baruc concordasse com o argumento daquelas mulheres, mas resgata sua voz, dando-lhes o direito de serem ouvidas e reconhecidas como cidadãs! Na voz das mulheres também o reconhecimento do direito de autodeterminação de todas as pessoas refugiadas representada na voz daquelas mulheres judaítas refugiadas no Egito.

1.4 Construir o acolhimento a partir das vozes das pessoas refugiadas

Quando acessamos trabalhos pastorais como o do CAMI (já citado) e vemos as dificuldades encontradas dentro dos espaços eclesiais (comunidades) e

eclesiásticos (denominacionais) para o acolhimento de pessoas refugiadas e migrantes, é possível observar que ainda temos muito a aprender. Mas, quem ensina quem? De fato, aceitamos a epistemologia de Paulo Freire, que afirma que ninguém ensina ou aprende, mas que aprendemos ensinando e ensinamos aprendendo. Para isso precisamos ouvir como forma básica de acolhimento. Ouvir qualificadamente, ouvir sem negar conflitos, mas sem se render ao senso comum ou ao preconceito e discriminação presentes em nós e na sociedade em que vivemos.

Este estudo trouxe um momento tenso e polêmico, buscou um olhar desconstrutivo, e revelou a centralidade da voz daquelas mulheres discriminadas, injuriadas e refugiadas, e seu papel na comunidade como um todo. Seria possível entender este episódio como um subsídio para este diálogo?

Na página do CAMI encontramos o Manifesto da 10ª Marcha dos(as) Imigrantes, realizada no dia 27 de novembro de 2016 em São Paulo. Nele lemos:

Denunciamos as violências contra imigrantes e refugiados, casos de discriminação, racismo, xenofobia, xingamentos, assassinatos e diversas violações de direitos humanos enfrentados por eles nos países de destino como no Brasil. Marchamos pelo fim das deportações arbitrárias de imigrantes regulares. Exigimos transparência e facilidades para regularização migratória. Marchamos pelo direito ao voto e à participação social de todos os imigrantes e refugiados para conquista de direitos. Marchamos para que imigrantes e refugiados tenham a liberdade de exercer a sua vocação religiosa sem nenhum tipo de perseguição. Marchamos para o fim do machismo e toda forma de discriminação contra mulheres imigrantes e refugiadas. Marchamos pela garantia de direitos dos trabalhadores imigrantes e refugiados no mercado de trabalho. Pelo fim do trabalho escravo. Marchamos para que o poder público e a sociedade respeitem os direitos das crianças e adolescentes imigrantes e refugiados. Queremos um mundo no qual as pessoas possam migrar sem serem discriminadas nos deslocamentos, postos migratórios e nos países de destino por conta da sua nacionalidade, gênero, raça, grupo social, religião e condição socioeconômica. Afirmamos que migrar é um direito de todos os seres humanos.

O espírito da profecia nos leva a ouvir a voz das pessoas migrantes e refugiadas. São palavras desafiadoras, palavras que questionam até a forma como temos vivido nossa fé cristã e todos os preconceitos e diversas formas de discriminação que são justificadas por nossa fé. Será que estas palavras têm lugar nos ambientes eclesiais e comunitários dos quais participamos?

Humberto Maiztegui Gonçalves
Av. Eng. Ludolfo Bohel, 278 – Teresópolis
91720-150 Porto Alegre, RS
humbertox@uol.com.br

Bibliografia

Caderno 5. Brasília: CNFESS, 2016. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno05-Xenofobia-Site.pdf>. Acesso em: 22/02/2016.

CERESKO, Antony. *Introdução ao Antigo Testamento, numa perspectiva libertadora*. São Paulo: Paulus, 1996.

COSTA, José Carlos de Lima. *A influência do profetismo hebraico na práxis de Jesus à luz dos evangelhos sinóticos* (Dissertação). Goiânia – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia, 2012. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/843/1/JOSE%20CARLOS%20DE%20LIMA%20COSTA.pdf>. Acesso: 22/02/2017.

HARRISON, R.K. *Jeremias e Lamentações, introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1973.

ROESE, Anete. O silenciamento das deusas na tradição interpretativa cristã, uma hermenêutica feminista. In: *Revista Alegria*, p. 177-191. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/alegria/article/view/1557/1654>. Acesso em: 6/2/2017.

SANTOS, Cleusa. *Série: assistente social no combate ao preconceito (xenofobia)*.

SCHMIDT, Werner. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.